

12-01-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura do termo de adesão ao programa Minha Casa, Minha Vida pelo Governo do Estado de São Paulo

Minha Casa, Minha Vida vai construir 100 mil moradias em SP até 2015

São Paulo-SP, 12 de janeiro de 2012

Bom-dia a todos!

Eu queria dirigir um cumprimento muito especial ao governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, com quem, como ele disse, o governo federal tem, de fato, tido parcerias estratégicas.

Queria cumprimentar a senhora Lu Alckmin, que tem sempre mostrado a capacidade da mulher paulista de ser acolhedora e de receber muito bem.

Queria cumprimentar os ministros de Estado: Alexandre Padilha, da Saúde; Mário Negromonte, das Cidades, O desembargador Ivan Sartori, presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo,

Os senadores Aloysio Nunes, Eduardo Suplicy e Marta Suplicy,

Queria cumprimentar os deputados federais aqui presentes: Beto Mansur, Carlos Zarattini, Janete Pietá, José de Filippi Júnior, Keiko Ota, Paulo Freire, Roberto de Lucena e Vanderlei Macris.

Em que pese não estar no exercício como deputado federal, queria cumprimentar meu amigo José Aníbal.

Queria cumprimentar o senhor Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo e vice-presidente da Frente Nacional dos Prefeitos,

As senhoras prefeitas e os senhores prefeitos aqui presentes,

Os nossos parceiros estratégicos no que se refere a este Programa e a vários outros do governo federal, mas este, em especial, ao Minha Casa, Minha Vida. Queria cumprimentar o presidente da Caixa, Jorge Hereda, e, sobretudo, queria dar os parabéns a esta instituição que tem sido excepcional para a execução dos programas sociais do meu governo. Parabéns, Caixa Econômica! Parabéns a cada um dos funcionários, das funcionárias, e quero, mais uma vez, reconhecer que sem a parceria com a Caixa nós não conseguiríamos

levar a efeito o grande desafio que foi fazer este Programa.

Queria cumprimentar também o Silvío Torres, secretário estadual de Habitação e a Inês Magalhães, secretária nacional de Habitação,

Queria cumprimentar aqui os nossos parceiros estratégicos, os movimentos nacionais de moradia. Primeiro, o senhor Donisete Braga, da União Nacional de Luta pela Moradia, companheiro Donisete; o senhor Gegê, da Central de Movimentos Populares; o Movimento Nacional de Luta por Moradia, através do Francisco Menezes.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores profissionais da imprensa aqui presentes, mas também os senhores empresários responsáveis também pela viabilidade deste Programa.

Senhoras e senhores,

Este programa, Minha Casa, Minha Vida, ele tem uma história. A história deste Programa começa através e por meio de uma situação muito difícil. Primeiro, a necessidade de equacionar uma questão que é o déficit habitacional deste país, tendo em vista um quadro que é o problema grave, social, que consiste num processo muito longo de não investimento em habitação social. Após o BNH, nós tivemos experiências dispersas no que se refere a investimento em moradia social.

Primeiro, então, essa exigência: é necessário fazer um programa de habitação que explique por que e que garanta um processo de melhoria de renda da população, mas também e, sobretudo, um processo de resgate da própria família, na medida em que a casa é onde você cria os filhos, estabelece seus vínculos familiares, estabelece as suas relações afetivas, garante segurança. E ao mesmo tempo, uma outra característica, que é o fato de que a construção civil, ela gera empregos.

Então, diante de um determinado momento na história deste país, que foi a crise de 2008 para 2009, o governo federal, por decisão do presidente Lula, definiu que ia fazer um programa de habitação. E aí a participação dos governadores, dos prefeitos – mas aqui eu queria reconhecer também –, dos movimentos sociais e dos empresários foi essencial para que este Programa ficasse de pé.

A gente tinha de responder uma pergunta: como garantir que com o preço da casa oscilando entre – naquela época – R\$ 40, 50 mil, uma pessoa que ganhasse até, na época, três salários mínimos – hoje R\$ 1,6 mil – pudesse comprar sua casa. Essa equação não fecha pelo mercado. Ela só fecha se o governo assumir o subsídio, e nós assumimos fazer subsídio. Significa que nessa faixa de renda, nós vamos subsidiar o valor do imóvel. As pessoas vão participar com uma quantia? Vão. Mas essa quantia não reflete o valor do imóvel.

Por que isso? Porque, no Brasil, nós temos um problema habitacional justamente na população de mais baixa renda. É aí que a situação é extremamente grave. Obviamente também na camada superior, que representa a nova classe média e a classe média tradicional, que também necessita pelo menos de um subsídio parcial. E na última camada, que é a terceira, a questão era a seguinte... a questão da garantia: tinha de diminuir o preço da prestação, assumindo um processo de seguro-garantia.

Este Programa foi feito junto com todas essas entidades, ou seja, os empresários, os movimentos sociais, e com os órgãos da Federação. Ele é um Programa que tem, obviamente, uma parcela importante do governo federal em termos de recursos subsidiados, ou seja, são recursos diretamente do Orçamento Geral da União para o bolso – o bolso – da família que vai comprar a casa.

A ideia mais importante deste Programa é esta: a Caixa Econômica paga a casa para o proprietário da casa. Portanto, é um subsídio direto, sem intermediários e, portanto, uma forma muito eficiente de assegurar que o dinheiro para a moradia seja efetivamente gasto com moradia.

Eu considero fundamental que, naquela época – 2008, 2009 –, diante da crise econômica e da queda do Lehman Brothers, o presidente Lula tenha também percebido uma coisa essencial, que é o fato de que a construção civil gera empregos, que a construção civil também tem um efeito muito importante para que a gente crie as condições para a economia crescer, e isso significava, naquela circunstância – como significa ainda hoje –, que nós temos, diante da crise, uma atitude ofensiva: nós não paramos nem de investir, nem de consumir. Nós asseguramos, principalmente, que aquelas questões que são essenciais para a melhoria da qualidade de vida da nossa população sejam realizadas.

E aí eu quero enfatizar, mais uma vez: este Programa não dá bolha. Ele não dá bolha porque ele não está feito em cima de nenhum processo especulativo. Ele está feito em cima de um processo de subsídio, da compreensão de que é fundamental a presença do Estado nessas circunstâncias. Nós não precisamos subsidiar este extraordinário movimento da construção civil – muito bem-vindo –, de expansão da construção civil através de mecanismos de mercado. Nós consideramos que hoje a construção civil, ela tem também um mercado fortíssimo, e aí eu entro na parceria nossa com o estado de São Paulo.

São Paulo, o governador Alckmin estava me dizendo que é a terceira grande região metropolitana do mundo. E São Paulo não é a terceira grande região metropolitana do mundo por acaso. Ela é a terceira porque aqui se atraem empregos, se têm oportunidades. É, de fato, um local fundamental para o país. E há consequências para isso: atrai a população e, ao mesmo tempo, o preço da terra é bem mais alto.

Eu quero dizer para vocês que este momento... hoje é um marco muito importante para o Minha Casa, Minha Vida 2. Por quê? Porque o Governador vai viabilizar um processo que nós tínhamos dificuldade de fazer aqui, que era o preço da terra e a dificuldade de acesso à terra. São duas coisas: o preço e a dificuldade de acesso. A presença do governo do estado de São Paulo complementando os nossos R\$ 65 mil de subsídio, com R\$ 20 mil, é estratégica para viabilizar a parte mais importante deste programa, que é a primeira faixa, daqueles que ganham de zero até R\$ 1,6 mil.

Isso, eu acho que é a grande novidade do dia de hoje. Com isso, nós pretendemos focar nas 97 mil, e eu disse para o presidente da Caixa, Hereda, que veio comigo no avião: nós não vamos fazer 97, Governador, porque 97 é conta quebrada. Nós vamos fazer 100 mil. Os 3 mil nós assumimos.

E eu queria dizer para vocês que nós podemos falar em fazer 2 milhões de moradias, contratar 2 milhões de moradias até 2014, porque tivemos essa experiência da primeira fase do programa do governo Lula, que foi contratar 1 milhão de moradias. Aliás, a bem da

verdade se diga, e os empresários sabem disso: quando nós iniciamos o programa, nós não tínhamos certeza se a gente ia conseguir fazer 1 milhão. Começamos com 200 mil. A bem da verdade se diga, que foi o presidente Lula quem falou: “Duzentos mil eu não faço, não. Só faço se for 1 milhão”. E esse 1 milhão, a capacidade de contratação, a iniciativa dos empresários, a parceria com os prefeitos, a parceria com os movimentos sociais e a parceria com o Governador permitiu que nós contratássemos 1 milhão, o que era extremamente difícil, porque o tempo de contratação, no Brasil, era muito longo.

Nós estamos agora buscando cada vez mais encurtar o tempo de contratação, melhorar as condições da construção. Nós queremos um piso de... um revestimento de pedra, azulejo nas paredes, queremos janelas mais largas, portas para permitir a entrada de cadeirantes. Necessariamente, nas residências, nas casas populares, nós queremos que haja o solar térmico, ou seja, a utilização do sistema de aquecimento térmico baseado no calor do sol. E, queremos também, que essa parceria se dirija para aquelas populações mais necessitadas do país.

Por quê? Dentro da nossa visão de “Brasil, País Rico é País sem Pobreza” só tem um jeito de nós conseguirmos, de fato, superar a situação de pobreza extrema no nosso país. De um lado, é com renda, de outro lado, é com mais oportunidade de trabalho, de educação. Mas, tem um fator que é essencial: é a garantia de segurança para as pessoas, é a garantia de condições de vida adequadas para as pessoas. E aí, a casa tem um papel fundamental.

Eu considero que esse programa, junto com o programa Brasil sem Miséria, são as duas principais grandes alavancas de promoção da igualdade, da promoção da distribuição de renda, da igualdade de oportunidades e completa a possibilidade do grande desafio que nós temos hoje. Qual é o grande desafio? E que esse período nosso demonstra que o Brasil pode e vai dar um passo à frente. Nós temos um desafio histórico. O nosso país não só tem hoje o reconhecimento internacional, mas ele tem a confiança da autoestima crescente de nós brasileiros, no sentido de que podemos transformá-lo numa nação desenvolvida em que haja oportunidade e que haja um processo que não fique estagnado de distribuição de renda.

Nós não queremos um país de bilionários e de pobres e miseráveis, como existe em muitas grandes nações do mundo afora. Nós queremos um país, obviamente, de pessoas ricas e prósperas, mas queremos, sobretudo, um país de classe média. Ninguém é classe média se não tiver sua casa. Ninguém é classe média.

Eu queria dizer para vocês que nós contratamos, até dezembro, em 2011, do Minha Casa, Minha Vida 2, 457 mil moradias para as famílias de baixa renda e também para as famílias de classe média, com uma renda um pouco maior. Nós vamos contratar, neste ano de 2012, 500 mil moradias. Sendo que em torno de 300 mil para a faixa de renda de até R\$ 1,6 mil. Por isso que a participação de São Paulo nesse processo, para nós, é absolutamente imprescindível. Porque aqui se concentra uma parte da população do país extremamente significativa, trabalhadora, empreendedora, que para nós, será decisivo no crescimento geral do país que tenham acesso à sua moradia.

Nós sabemos também, que nós, só nesse ano de 2011, concluímos em torno de 326 mil moradias do Minha Casa, Minha Vida 1 e 157 mil moradias do Minha Casa Minha Vida 2. E estão em obras 700 mil moradias. O Brasil, hoje, de fato, na área da construção civil para a população que tem a renda menor do país, é hoje um grande canteiro de obras. Mas eu quero garantir a vocês que o ano que vem será ainda maior. E nós, como prometemos, quando lançamos o Minha Casa, Minha Vida 2 – os 2 milhões de moradias – nós estamos

considerando, até junho, ampliar este número para mais 400 mil. Isso significará 400 mil moradias para essa faixa de renda, essa faixa de renda até R\$ 1,6 mil.

Quando chegar junho nós faremos essa avaliação que vai depender da quantidade, que os funcionários da Caixa aqui presentes, hoje, que são responsáveis por superar esse desafio, nós consigamos realizar. Então, depende de vocês aí, hoje, que estão de aniversário, permitir que nós comemoremos outro aniversário que serão os 400 mil.

E queria, também, dizer uma outra coisa: aqui em São Paulo nós temos feito, e eu quero reconhecer aqui parcerias muito efetivas com o governo do governador Geraldo Alckmin. Nós temos feito, nós fizemos, não é Governador, e lançamos aqui algumas parcerias estratégicas. A única que o senhor esqueceu foi que nós lançamos também a Ferronorte.

E quero dizer que eu pretendo continuar nesse processo. É impossível, no Brasil, um governante achar que governa sem o governo estadual e os prefeitos. Não governa. Acho que a grande... o grande ensinamento que nós temos e que eu acho que mostra a maturidade do Brasil é essa relação que nós conseguimos estabelecer, independentemente de origem partidária, de credo político, de credo religioso ou opção futebolística, nós conseguimos criar uma capacidade, nós somos... podemos ter nossas divergências eleitorais, mas, acabou a eleição, essas divergências eleitorais, elas deixam de existir.

Eu tenho dito no governo federal que como há decoro parlamentar, há decoro governamental, e o decoro governamental consiste em perceber que não se faz e não se tem, não se pode ter dentro de políticas governamentais uma relação de atrito com estados ou municípios. Essa é a grande característica do decoro governamental.

E eu queria finalizar, eu queria cumprimentar o prefeito Kassab, também, porque nós temos tido aqui uma parceria muito produtiva, também com o prefeito Kassab. Ele tem sido excepcional no que se refere à parceria com o governo federal e o apoio a todas as iniciativas para o bem de São Paulo.

Finalizando, eu queria dizer que foi muito bem escolhida a data, ela foi por acaso, mas foi muito bem escolhida a data, porque, de fato, nós dependemos muito dos funcionários da Caixa, sabe Governador, para que esse Programa tenha o ritmo que nós queremos, que eu tenho certeza de que o senhor quer, um ritmo acelerado, que é o mesmo que eu quero.

Pelo desempenho anterior, vocês estão de parabéns, mas agora nós queremos, nós vamos ter de escalar um outro Himalaia e eu conto com vocês.

Muito obrigada!

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-do-termo-de-adesao-ao-programa-minha-casa-minha-vida-pelo-governo-do-estado-de-sao-paulo-sao-paulo-sp-23min31s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-do-termo-de-adesao-ao-programa-minha-casa-minha-vida-pelo-governo-do-estado-de-sao-paulo-sao-paulo-sp-23min31s)(23min31s) da presidenta Dilma.

Salvar

18-01-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de inauguração do Centro Municipal de Educação Infantil Júlia Moreira da Silva

Angra dos Reis-RJ, 18 de janeiro de 2012

Eu queria, primeiro, desejar boa tarde a todas as nossas queridas companheiras aqui de Angra, cariocas, e também aos nossos companheiros,

Cumprimentar este parceiro fantástico, que é o governador Sérgio Cabral, e seu vice-governador, o nosso querido Pezão,

Queria também cumprimentar o ministro da Educação, Fernando Haddad,

O ministro aqui da região, aqui de Angra, Luiz Sérgio, ministro da Pesca e da Aquicultura,

Cumprimentar o senador do Rio de Janeiro, este líder jovem, Lindbergh Farias,

Cumprimentar o deputado Fernando Jordão e a deputada Benedita da Silva,

Queria dirigir um cumprimento especial ao prefeito em exercício, o José Essiomar Gomes da Silva, e também a sua secretária da Educação, a Luciene. Queria cumprimentá-la também.

Queria cumprimentar o presidente da Câmara de Vereadores de Angra, José Antônio Azevedo Gomes,

Cumprimentar também os deputados estaduais, os vereadores,

As senhoras e os senhores deputados federais, que porventura eu não tenha mencionado, aqui presentes,

Os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Queria agradecer a todos os moradores e cidadãos aqui de Angra dos Reis, e dizer para vocês que eu vim aqui porque, para o Brasil, esta não é apenas uma construção de concreto, não é apenas uma construção bonita. Para o Brasil, este é o caminho do futuro, o caminho para transformar os bebês e as crianças nos futuros brasileiros que, de fato, com as suas mãos, com os seus cérebros, com o seu coração, vão construir este país que nós sabemos... não importa se nós vamos ser a primeira, a segunda, a terceira ou a quarta ou a quinta potência do mundo. O que importa é que nós teremos um país que será uma das maiores nações do mundo, com um povo que também usufruirá dessa riqueza e, portanto, será um povo que vai viver bem, vai ter educação e vai ter educação de qualidade.

Nós sabemos que as pessoas são diferentes, nós sabemos. Todas as pessoas, cada pessoa é diferente da outra, e talvez isso seja uma das coisas mais fantásticas. Porém, se essa diferença entre as pessoas, nós, instintivamente, sabemos que é uma coisa boa, oportunidade diferente não é uma coisa boa. É uma coisa muito ruim. Na raiz da desigualdade do nosso país está justamente uma diferença de oportunidade, e ela começa logo no início... logo depois de a pessoa nascer começa a desigualdade.

O que nós estamos aqui fazendo... e aí é muito importante que eu venha aqui agora com o ministro Fernando Haddad, um dos grandes ministros deste país na área de educação, e que viu que a educação tinha de começar e tinha de ter importância desde a pessoa e da criança ao nascer.

Quando ele cunhou a frase, que a educação era um projeto da creche à pós-graduação, passando pelo ensino básico, pelo ensino técnico, pela universidade e pela pós-graduação, ele cunhou uma coisa importantíssima para o Brasil, que é o caminho da igualdade de oportunidades. Ele é como se desse para nós um mapa: “Olha, para a gente ser um país com melhor distribuição de renda, um país que vai, de fato, considerar cada pessoa, cada mulher e cada homem, nós vamos ter de começar a olhar o bebê e a criança”.

Todo mundo sabe, e aí quem sabe mais ainda é a mãe. Eu sei que tem muitas mulheres aqui, e a mulher sabe disso pela sua pele. Ela sabe que se seu filho tiver educação, ela está feliz. Por que ela está feliz? Porque ele está conquistando o seu futuro. É isso que ele está fazendo.

Aqui nós vamos ter uma coisa muito importante: nós vamos ter uma qualidade de educação para as crianças mais pobres, que vai ser uma qualidade elevada de educação. Nós vamos utilizar o que há de mais moderno no mundo, porque descobriram, no mundo, que se você tiver um tratamento para uma criança de zero a cinco anos que garanta a essa criança os estímulos necessários, que assegure a essa criança acesso, conhecimento, pegar, olhar nos livros, ter brinquedos adequados, ter alimentação, tratamento, carinho e cuidado adequados, essa criança se transforma num adulto cheio de possibilidades de realizar seu potencial. Se você não fizer isso, você não terá um adulto assim.

Por isso, hoje nós temos aqui essa construção, e nós queremos que o padrão dela seja igual ou melhor do que o padrão de qualquer creche e pré-escola do Brasil, de qualquer lugar. Por isso que é um orgulho ver esta construção, não por causa do cimento e do aço, ou do ferro que tem aí dentro, mas porque esta escola é o caminho e daqui – quando nós não estivermos mais aqui, nem eu e nem vocês – nós teremos brasileiros capazes de dirigir este país, de serem empresários, professores, engenheiros, trabalhadores.

Esta escola é o futuro, e eu tenho muito prazer de vir aqui com o Fernando Haddad, porque... o ministro Fernando Haddad, que vai sair do meu governo, vai enfrentar uma outra realidade. Ele merece o reconhecimento do meu governo, e, tenho certeza, do presidente Lula, pela contribuição que ele deu para que nós pudéssemos aprofundar esse momento do nosso país, que é crescer. Mas não é só crescer, não é só aumentar o PIB. É distribuir renda, é garantir para a população o acesso à riqueza, é transformar este país nessa imensa força que ele já está sendo hoje, é garantir que amanhã e depois de amanhã este processo continue.

Então, eu agradeço ao Fernando Haddad por jamais ter falado “Não...” – igual se falava antes – “Não, é melhor apostar, é melhor apostar na educação superior”. Aí o outro falava: “Não, vamos apostar só na educação básica”. O que eu acho mais importante que o Fernando Haddad fez foi mostrar que educação começa lá na infância, na creche e na pré-escola, passa pelo que, na minha época, a gente chamava de ensino primário e hoje chama de fundamental. Depois vai para o ensino médio, passa pela escola profissional, passa pela universidade e pela pós-graduação, chegando até a esse novo projeto nosso, que é o Ciência sem Fronteiras, que quer permitir que as pessoas neste país tenham acesso à educação superior também lá fora – nos Estados Unidos, na Europa e nos países da Ásia.

Este é um projeto que, eu tenho certeza, cada mãe aqui, cada pai sabe, que é... o que está em questão aqui não é se nós somos A,B,C ou D. O que está em questão aqui é o futuro do nosso país e futuro a gente constrói é no presente. A gente não espera o futuro chegar para

começar a construir. Isso é o futuro construído aqui e agora.

Eu queria dizer para vocês que é muito importante... eu estava conversando com a secretária e com as professoras, e elas me disseram coisas que é muito importante o país saber. Também nós garantimos aqui outra coisa. Nós garantimos aqui que... muitas vezes, a criança de uma família mais pobre, ela não tem acesso à alimentação de qualidade que a gente queria dar. Ao longo da semana, ela tem. Eu saio daqui também com uma outra coisa me preocupando, entre as muitas que já me preocupam. Eu saio daqui preocupada em como é que nós vamos garantir, sábado e domingo, comida para as crianças, desta creche, das famílias que não têm de onde tirar os recursos. Nós sabemos que muitas vezes ocorre isso e nós temos de melhorar essa situação.

Eu vou sair daqui também com essas duas questões. Primeiro, uma grande alegria, uma grande alegria porque esta é a creche que nós vamos fazer 6.400 no Brasil e que tem 500 sendo construídas hoje. E, ao mesmo tempo, eu saio querendo sempre melhorar um pouco mais o projeto, e aí isso a gente faz escutando as pessoas que estão diretamente em contato com o problema.

Eu queria dizer para vocês que eu tenho grande estímulo, grande estímulo para trabalhar com o prefeito e com o governador, grande estímulo. Por que com os prefeitos e com o governador Sérgio Cabral? Porque eu tenho visto, da parte do governador Sérgio Cabral e do vice-governador Pezão, um grande empenho em solucionar todo tipo de problema que aparece no governo, e em solucionar de forma muito profunda. É o caso, por exemplo, da construção do Minha Casa, Minha Vida, dessas casas.

Foi o caso também dessa parceria no que se refere a garantir empregos na área da construção naval. Nós, que tínhamos sido a oitava, a oitava economia produtora de navios do mundo na década de 80, nos transformamos em quase zero de produção no início deste século, e hoje nós voltamos a ser em torno da sétima ou sexta carteira de navios. E eu quero assegurar a vocês, que dão uma grande importância a esse setor, que uma das coisas que nós iremos fazer e vamos continuar fazendo é garantir que o que pode ser produzido no Brasil seja produzido no Brasil, e não importado de outros países, como foi o caso, durante muito tempo, das plataformas e dos navios.

Eu encerro dizendo para vocês que eu tenho certeza, e quero assegurar para vocês que o Brasil tem grande capacidade de crescimento, o Brasil vai continuar gerando emprego, vai continuar garantindo estruturas como esta das creches, políticas como esta das creches, assegurando que professoras que são generosas e talentosas como as que, seguramente, vão levar esta creche para frente, que elas tenham as oportunidades de transformar a vida dos nossos brasileirinhos e das nossas brasileirinhas.

Um abraço a cada um e um grande beijo no coração.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-do-centro-municipal-de-educacao-infantil-julia-moreira-da-silva-angra-dos-reis-rj-14min44s-1\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-do-centro-municipal-de-educacao-infantil-julia-moreira-da-silva-angra-dos-reis-rj-14min44s-1) (14min44s) da Presidenta Dilma

23-01-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia alusiva à concessão de 1 milhão de Bolsas do ProUni

Palácio do Planalto, 23 de janeiro de 2012

Queria cumprimentar o presidente do Senado Federal, senador José Sarney,

Os ministros e as ministras de Estado aqui presentes: ministro Fernando Haddad, da Educação; ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; ministro Celso Amorim, da Defesa; ministro Antonio Patriota, das Relações Exteriores; ministro José Carlos Vaz, interino da Agricultura; ministra Ana de Hollanda, da Cultura; ministro Paulo Roberto Pinto, interino do Trabalho; ministro Carlos Gabas, interino da Previdência; ministro Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; ministra Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; ministro Paulo Bernardo, das Comunicações; ministro Aloizio Mercadante, da Ciência e Tecnologia [Ciência, Tecnologia e Inovação]; ministra Izabella Teixeira, do Meio Ambiente; ministro Gastão Vieira, do Turismo; ministro Fernando Bezerra Coelho, da Integração Nacional; ministro Afonso Florence, do Desenvolvimento Agrário; ministro Luiz Sérgio, da Pesca; Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral; José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais; Helena Chagas, da Comunicação Social; Luiza Bairos, da Política de Promoção da Igualdade Racial; Iriny Lopes, da Secretaria de Políticas para as Mulheres; Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos; Marco Antônio Raupp, presidente da Agência Espacial Brasileira.

Senhor senador Eduardo Suplicy,

Senhores deputados federais Henrique Fontana, Jilmar Tatto, Newton Lima e Paulo Teixeira.

Senhor reitor da Universidade Católica de Brasília, senhor Cícero Ivan Ferreira Gontijo, por intermédio de quem cumprimento os reitores de todas as universidades que formam estudantes beneficiados pelo ProUni.

Queria cumprimentar o estudante Vitor Lobo, o milionésimo aluno atendido pelo ProUni, por intermédio de quem eu cumprimento cada um dos mais de um milhão de alunos que foram, ao longo desses anos, beneficiados com uma bolsa integral ou parcial do ProUni.

Queria cumprimentar a doutora Carla Laís Ribeiro da Costa, a nossa médica do Programa Saúde da Família e ex-bolsista do ProUni.

Cumprimentar também o Daniel Iliescu, presidente da União Nacional de Estudantes, nossos parceiros nesta questão da qualidade da educação no Brasil.

Cumprimentar também, e dar as boas-vindas, para a Manuela Braga, presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas,

Cumprimentar os senhores jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos,

Cumprimentar as senhoras e senhores profissionais da imprensa.

Esta cerimônia, para mim, é um marco na história recente do nosso país. E ela é um marco porque eu acredito que hoje, ao destacar, celebrar e comemorar esse um milhão de bolsas concedidas, nós estamos enfatizando a importância que é, para nosso país, esse processo que levou milhões de estudantes a ter acesso novamente à educação, ter acesso, eu diria, a

uma educação que até então estava completamente afastada deles.

E aí é importante que a gente lembre uma coisa: na minha campanha eleitoral eu visitei uma aluna, também de Medicina, e essa aluna de Medicina, doutora Carla Laís, ela tem uma história parecida e, ao mesmo tempo, diferente da [história] da senhora, mas muito parecida. Ela é aqui de Brasília, o pai e a mãe, o seu Nonato e a dona Conceição, viviam de salário-mínimo, e eles tinham um imenso orgulho – eu quero destacar o lado dos pais e das mães – tinham um imenso orgulho da Lorene Laiane Ferreira da Silva ser médica. Eles diziam assim para mim: a coisa mais importante era que o pessoal da vizinhança não acreditava que ela era estudante de Medicina, não. Por quê? Porque ser estudante de Medicina era, não só para ela, mas para seus vizinhos, para seus pais, uma coisa absolutamente estranha, uma coisa que não era usual, uma coisa que levantava, por parte deles, uma desconfiança: “Mas como é que será que ela conseguiu?” E eu acho que esse “Como é que será que ela conseguiu?” que é o grande feito do ProUni. “Como é que será que ele conseguiu?”, é esse o grande feito do ProUni. Eles e elas conseguiram. E, aí, as famílias conseguiram junto. E também os vizinhos percebem que é possível que a Lorene Laiane estude Medicina, em uma das melhores escolas aqui de Brasília, que é a Universidade Católica de Brasília.

Então, eu acho isso muito importante, porque só a bolsa, que teria que ser paga... aliás, só a mensalidade ou anuidade, eu já não sei se... não, é mensalidade, que teria de ser paga para ela estudar era mais do que o salário que a mãe e o pai recebiam. Então, era impossível, a equação não fecharia nunca. Eles ganhavam, os dois, cada um ganhava em torno de R\$ 1.100,00, na época, e, na época, a mensalidade ultrapassaria isso.

Eu acho que são casos como esse e todos esses que nós vimos que mostram que trata-se de milhões de jovens, mulheres e homens, brasileiras e brasileiros, superando uma barreira quase intransponível, que é a barreira da oportunidade.

Há, no Brasil, e durante muito tempo isso ocorreu, uma barreira muito forte. Nós todos sabemos que ninguém é igual a ninguém, mas nós temos de medir uma sociedade pelo grau de oportunidade que ele oferece aos seus jovens. Nós estamos vivendo em um mundo muito complicado, por quê? É um mundo em que nós vimos, nos últimos anos, uma explosão de riqueza antes da crise e, ao mesmo tempo, uma explosão da desigualdade. Nós vimos as duas coisas. É só olhar os relatórios da OCDE para perceber que em quase todos os países desenvolvidos houve uma grande concentração de renda, que significa e é igual à redução de oportunidades. Não só alterações, em alguns casos, de 9 para 1, mas, em outros casos, de 14 para 1, em alguns países.

Isso faz com que nós tenhamos muito orgulho do ProUni. E tenhamos muito orgulho do ProUni porque o ProUni é um dos elementos de distribuição de renda deste país. É um dos instrumentos mais importantes construídos agora, no presente, mas nós construímos a oportunidade no presente para garantir o futuro. Não tem como garantir o futuro se você não constrói um sistema de oportunidades no presente. E é isso que eu acho que o ProUni é.

Nós não estamos só distribuindo renda com o ProUni, como com a Educação você não só distribui renda. Com a Educação você constrói também um modelo de desenvolvimento sustentável para o país. Se nós queremos um país sem as distorções, que nós verificamos em países onde existem os 10% mais ricos, concentram uma renda e um conjunto de oportunidades que tira qualquer perspectiva de um crescimento mais homogêneo, na medida em que, não só as oportunidades, aliás, não só a renda, mas as oportunidades são afastadas das pessoas.

Eu acho que esse Programa fala da felicidade também. E acho que a doutora falou disso, falou do sonho realizado e da felicidade. E é muito importante essa questão do sonho realizado, porque foi preciso um metalúrgico, que não teve acesso ao ensino universitário, para saber como era importante para as pessoas o ensino universitário. Muitas pessoas neste país, preconceituosas, falavam: “Mas como um presidente e um vice que não são universitários valorizam a Educação?” Valorizam porque sabem o que, nesses anos, foi tirado

de milhões de brasileiros. E, aí, a generosidade do presidente Lula, em relação à sua experiência de vida, está claramente evidenciada nesse imenso empenho que eu sou testemunha, o Fernando também, na questão do recurso para o ProUni, porque tem recurso, sim, não é, companheiro Fernando Haddad? Quando você abre mão de tributos, esses tributos estão sendo destinados para financiar a educação da juventude brasileira. Tem recurso, sim!

E aí, eu considero muito importante... Estou fazendo a defesa do pessoal da Fazenda, estou fazendo da Fazenda e do Planejamento aqui, porque eu assisti à determinação do presidente Lula nesse sentido, nesse compromisso que ele tinha com a questão do ProUni, do Ifet, da expansão das universidades públicas federais que estavam sucateadas, o compromisso do Presidente com todas essas questões.

Então, ao cumprimentar, também, a doutora Laís, e ao nosso milionésimo estudante, com tanto futuro pela frente, eu queria agradecer a parceria que foi feita com o setor privado, eu queria agradecer a sensibilidade do Parlamento brasileiro que mostra, mais uma vez, que está acima de certas questões menores que têm sido obstáculo para o desenvolvimento de programas em outros países. Eu estou me referindo àquele tipo de negativa que a gente tem visto, por exemplo, ocorrer entre democratas e republicanos. Não ocorreu no Brasil. Eu cumprimento todo o Parlamento por isso, agradeço, aqui, ao presidente do Senado, José Sarney, em nome de quem estou agradecendo a todos os parlamentares.

Eu tenho certeza que nós estamos no caminho certo. Acredito que a combinação de programa de renda, de distribuição de renda, com garantia de acesso à educação é o caminho correto para o Brasil mudar de patamar. Nós temos de ter esse compromisso com a prioridade da educação. E, por isso, eu quero dizer que eu tenho e terei a oportunidade de assegurar, não só que o que nós conseguimos até hoje, nós vamos manter, mas que nós vamos seguir em frente.

Como disse o Presidente da Une, o que nos é desafiante é que, a partir desse patamar, nós temos de continuar melhorando a qualidade da educação e ampliando o acesso.

Eu tenho certeza de que o programa Ciência sem Fronteiras será também uma oportunidade para os estudantes do ProUni, porque ele contempla estudantes do ProUni e estudantes que fizeram o Enem. Eu tenho também certeza de que significará um salto para milhares de jovens.

O ministro Mercadante me informou que, até sexta-feira passada, tinha 19,9 milhões acessos ao site do Ciência sem Fronteiras, sendo que 26 mil estudantes já tinham se cadastrado para fazer jus a esse programa. Estou vendo agora o Jorge passar para o Mercadante, deve ter aumentado. O Jorge acaba de comunicar ao Mercadante que está em 28 milhões de acessos. Ah, não, 28 mil inscritos. Perfeitamente.

Eu considero também que muito importante aqui fazer a defesa do Enem como a forma mais democrática de acesso dos jovens brasileiros ao ensino universitário. Acredito que o Enem é um exemplo da determinação do ministro Fernando Haddad, no sentido de assegurar uma transformação e uma deselitização do ensino universitário em nosso país.

Por isso, sem sombra de dúvida, amanhã, eu vou fazer outros agradecimentos, mas eu já adianto os meus agradecimentos dizendo que essa visão do ministro Fernando Haddad foi muito importante para o nosso projeto. Um projeto que começa no governo Lula e tem continuidade no meu governo. O projeto de que nós teríamos de garantir educação, da creche à pós-graduação, porque é muito grave quando se opôs no Brasil um nível de ensino a outro. Era rebaixar por baixo. Rebaixar por baixo é dose, não é gente? Mas, hoje eu estou cansada e vou dizer para vocês porque: eu venho de uma maratona. Eu comecei a fazer reunião na quinta, na sexta, no sábado, no domingo e, hoje, na segunda. E ainda vou continuar, possivelmente, na terça. E são reuniões muito intensas. Mas, eu queria dizer, que se trata de um processo que rebaixa as expectativas do Brasil. Se você opõe o ensino básico ao ensino universitário, além de ser uma incongruência, por conta dos professores, se trata

também de uma desvalorização do país. Este país tem de ter responsabilidade do Estado, de dar educação para a criança de zero a cinco anos, para o ensino básico, para o ensino médio, para o ensino técnico, para o ensino universitário, para a pesquisa científica e tecnológica, e dar condições para que isso ocorra.

Portanto, eu acredito que esse foi o grande, a grande contribuição do ministro. Hoje, nós achamos isso uma platitude, nós achamos isso óbvio, nós achamos que isso é algo dado. Mas, teve uma época em que não era. Teve uma época, que nós vivemos, que de fato esse foi o tema da discussão e explica porque as nossas universidades foram sucateadas. Daqui pra frente nós temos um grande desafio, que nós vamos ter de encarar em conjunto. Esse desafio é também o ensino técnico profissionalizante. É o Pronatec. Nós vamos ter, e aí o ministro Fernando Haddad sempre fala para o Aloizio Mercadante: Aloizio, colocar em operação este Programa é um grande desafio. Talvez seja uma dos programas mais complexos que nós temos pela frente. Como eu sei da dedicação do ministro Fernando Haddad, da capacidade de gestão e de governança do MEC e aqui eu abro parêntese para incluir os meus elogios ao nosso querido Paim... Eu tenho certeza de que nós vamos seguir à risca essa nota, esse destaque, que para nós foi dado sobre o Pronatec. Eu sei que foi complexo para construir. Tivemos inúmeros processos de discussão. Houve inúmeros processos de discussão também com as entidades privadas, fomos auxiliados também pela aprovação no Congresso Nacional. Agora, nós vamos ter de colocar, como a gente sempre diz, trata-se agora de colocar em pé. E colocar em pé significa que nós vamos, sem sobra de dúvida, ter esse grande desafio, ter o imenso prazer de executá-lo, porque isso contribuirá para que o nosso país cresça; contribuirá para que esse país tenha crescimento sustentável. Finalmente, eu queria dizer para vocês que é um orgulho para os pais e mães ver esse um milhão de bolsas concedidas, mas, sobretudo, é um orgulho ver o exemplo da doutora Laís, formada. Tenho certeza que seu pai e sua mãe, dra. Laís, devem ter um orgulho imenso, que nem o pai daquela minha querida amiga Lorene Laiane. E, isso para nós é fundamental, porque significa que você – e eu acho isso muito simbólico na sua fala – você também devolveu isso, tanto para sua família, agora, ao custear a educação da sua própria mãe, mas também ao ser uma médica do SUS, do Saúde da Família.

Nós também agradecemos muito esse seu compromisso e com isso, eu encerro, desejando ao Mercadante todo o sucesso e ao Fernando Haddad, também, todo o sucesso!

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-cerimonia-alusiva-a-concessao-de-1-milhao-de-bolsas-do-prouni-programa-universidade-para-todos-23mim26s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-cerimonia-alusiva-a-concessao-de-1-milhao-de-bolsas-do-prouni-programa-universidade-para-todos-23mim26s>) (23min26s) da Presidenta Dilma

Salvar

24-01-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse dos novos Ministros da Educação, Aloizio Mercadante, e da Ciência, Tecnologia e Inovação, Marco Antonio Raupp

Palácio do Planalto, 24 de janeiro de 2012

Eu queria fazer uma saudação especial para o nosso presidente Luiz Inácio Lula da Silva. E dizer para todos vocês – eu tenho certeza que para vocês também: para mim é uma honra que seja neste momento que, pela primeira vez, o nosso querido presidente Lula volta ao Palácio do Planalto. Nós, de fato, somos... com o passar do tempo, sabe, Raupp, a gente fica um bando de chorões. O ministro Haddad quase... chorou, praticamente; o ministro Mercadante. Eu também posso ser obrigada, por não conter as lágrimas, a chorar. Aliás, o presidente Lula sempre disse para mim: pode chorar que não faz mal nenhum. Bom, então eu queria dizer para vocês que para mim é uma honra receber o presidente Lula aqui.

E quero também dizer que ontem nós comemoramos 1 milhão, mais de 1 milhão, mas nós atingimos 1 milhão de bolsas concedidas do ProUni. Lamento que essa cerimônia também não tenha tido lugar hoje, porque a pessoa que tinha de comemorar isso era o presidente Lula, grande responsável por esse imenso esforço que foi mudar a trajetória e a história da educação brasileira.

Cumprimento também o vice-presidente da República, Michel Temer,

O nosso José Sarney, ex-presidente da República também e presidente do Senado Federal,

Cumprimento as senhoras e os senhores embaixadores acreditados junto ao governo,

Dirijo um cumprimento especial ao Fernando Haddad, ao Aloizio Mercadante e ao Marco Antonio Raupp. A todos eles que fazem parte do processo de transmissão de cargos de despedida.

Eu quero dirigir também uma homenagem especial. Queria agradecer à ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, ao ministro José Eduardo Cardozo, a todos os membros do meu governo: Brigadeiro Juniti Saito, Antonio Patriota, Guido Mantega, Paulo Sérgio Passos, Ana de Holanda, Paulo Roberto dos Santos Pinto, interino do Trabalho, Carlos Gabas, interino da Previdência, Tereza Campello, do Desenvolvimento Social, Alexandre Padilha, Fernando Pimentel, Miriam Belchior, Paulo Bernardo, Izabella Teixeira, Gastão Dias Vieira, Fernando Bezerra Coelho, Afonso Florence, Mário Negromonte, Luís Sérgio, Gilberto Carvalho, general José Elito Siqueira, Luís Inácio Adams, Jorge Hage, Ideli Salvatti, Alexandre Tombini, Helena Chagas, Luiza Bairros, Iriny Lopes, Maria do Rosário, Leônidas Cristino e Wagner Bittencourt. A todos eles eu agradeço a presença neste ato.

Agradeço porque é um ato, para nós, muito importante. Ao longo da minha fala, eu vou explicar para vocês porque este é um dos atos mais importantes do meu governo.

Queria também cumprimentar os comandantes militares, almirante Julio Soares Moura Neto, general Carlos Di Nardi,

Queria cumprimentar os governadores aqui presentes e as governadoras: Jaques Wagner, da

Bahia, Agnelo Rossi [Queiroz], do Distrito Federal, Marconi Perillo, de Goiás, Teotônio Vilela Filho, de Alagoas e a nossa governadora Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte, Quereria cumprimentar os senadores aqui presentes, E as senhoras e os senhores deputados federais que aqui hoje comparecem, eu acho que dando uma especial dimensão a esta cerimônia, Cumprimentar também todos os presidentes de partidos aqui presentes, Os prefeitos e as prefeitas e as lideranças políticas, Todos os profissionais da Educação, reitores, professores, funcionários do Ministério da Educação e Cultura, Todos os profissionais, também, cientistas e funcionários do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Quereria cumprimentar aqui os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas, E cumprimentar a todos vocês que estão aqui hoje.

Para o meu governo esta é uma cerimônia especial porque nós sabemos o que significa a Educação e a Ciência, Tecnologia e Inovação na trajetória do nosso governo. Significa muito. Por quê? Porque, na verdade, o grande instrumento de construção do futuro deste país passa necessariamente por, no presente, nós ampliarmos as oportunidades e a qualidade da Educação e assegurarmos que o Brasil seja capaz de produzir Ciência, seja capaz de produzir Tecnologia e seja capaz de inovar.

Nós somos um país num momento muito especial. Recebemos esse momento especial do presidente Lula, que mudou, de forma significativa, a qualidade do desenvolvimento econômico aqui no Brasil.

Nós vínhamos de um processo que tinha sido, nos últimos anos, extremamente excludente. Esse processo se caracterizava pela dificuldade do país de se desenvolver aceleradamente, pela dificuldade de gerar emprego e pela dificuldade de distribuir renda.

A grande mudança introduzida pelo presidente Lula, o que aqui, hoje, nós estamos celebrando, nós estamos fazendo uma transmissão de cargo e uma despedida e um casamento: o casamento entre a Educação e Ciência e Tecnologia, mais uma vez. Mas eu acho que a grande característica do projeto que eu dou continuidade, e que o presidente Lula colocou em prática, é o fato de nós termos de dar conta de atividades tão complexas quanto melhorar a qualidade de vida da população brasileira, através da distribuição de renda e da elevação de milhões de pessoas à condição de classe média, de um lado e, de outro, buscar, através da Educação, da Ciência e Tecnologia e da Inovação, fazer com que o nosso país consiga chegar o mais rápido possível àquelas produções científicas, à economia do conhecimento e à capacidade de agregar valor à sua produção.

Então, são dois momentos diferentes na história do desenvolvimento dos países que nós tivemos de dar conta, simultaneamente. Nós não tínhamos de dar conta só da eliminação da pobreza. Ao mesmo tempo em que nós tratávamos de coisas absurdamente e inexplicavelmente ausentes da pauta brasileira, que era o fato de que não se considerava estratégia de desenvolvimento tirar as pessoas da miséria, não se considerava estratégia de desenvolvimento eliminar um certo nível de diferença de renda absolutamente extraordinário, que tornava o Brasil um dos países mais desiguais do mundo; sabendo que havia conhecimento, tecnologia e capacidade deste país de fazer essa transformação, nós tínhamos de dar conta de outro desafio que era elevar o nível de conhecimento da nossa população para sermos capazes de gerar uma massa crítica que produz Ciência, que produz Tecnologia e que produz Inovação. Isso é o que nós estamos aqui reconhecendo ao ver este casamento entre Educação e Ciência e Tecnologia, e ter a honra de ter a presença do presidente Lula. Por que, presidente Lula? Nós temos de reconhecer em público que a estratégia de colocar a educação da creche à pós-graduação foi instituída pelo senhor. E é

estranho que, neste país, precisou vir um retirante do Nordeste, parar lá em Santos, e depois chegar em São Paulo, e depois ir para São Bernardo, e que não tinha curso universitário, para perceber que para educar bem uma criança, para educar bem um jovem, você precisa de professor universitário bem formado, porque senão a sua educação não é de qualidade; que precisou... - uma coisa que o Presidente sempre falou - que o vice e o presidente, os dois, não tivessem diploma. Que país estranho é esse que precisou disso para ter, agora, um salto e um compromisso nosso com a educação.

Um salto e um compromisso nosso com a educação. Um salto porque nós mudamos de patamar; nós recuperamos a educação universitária, as universidades sucateadas; nós enfatizamos que não teria educação básica de qualidade sem universidade valorizada e sem professor valorizado; nós reconhecemos a importância na questão da desigualdade racial, de criança ser tratada como centro do problema, porque uma criança de zero a três anos, que não tem os mesmos estímulos que uma criança onde a família tem mais posses. Quando a família tem mais posses, essa criança tem mais oportunidades.

E, aí, eu acredito que unindo esses dois grandes eixos, o eixo da desigualdade social e o eixo da transformação do país, tem uma palavra, que é uma palavra que não é mágica. Ela tem de ser construída, que é a palavra “oportunidade”. Porque oportunidade... é oportunidade que se tem quando se dá o Bolsa Família; é oportunidade que se tem quando se cria o Minha Casa, Minha Vida; é oportunidade que se dá. Agora, a grande oportunidade é a frase que eu ouvi ontem, quando eu cheguei ali, perto da imprensa, e tinha uma porção de jovens, mulheres e homens, que tinham acabado, que tinham se formado na Universidade de Brasília, através do ProUni, em Medicina, e uma menina chega para mim e diz aqui: “Eu, aqui, sou a filha da lavadeira que virou médica”. Essa frase: “a filha da lavadeira que virou médica” é o que nós queremos construir enquanto oportunidade para este país.

Eu estive, no governo do presidente Lula, como ministra-chefe da Casa Civil, e me lembro perfeitamente que discutir com o Presidente a criação e a interiorização de universidades, a criação de escolas técnicas e a criação de institutos federais de tecnologia, era a coisa mais fácil que tinha. Por quê? Sempre a porta para o Fernando Haddad estava aberta, sempre não tinha limite para investimento e nós, Casa Civil, Fazenda e Planejamento, tínhamos de nos conformar porque era assim a regra do jogo.

Eu quero informar ao Guido que eu aprendi muito com o presidente Lula. Eu também quero deixar claro que nesta área e para este casamento entre Educação, Ciência, Tecnologia e Informação eu continuo o mesmo projeto. Eu sei que é isso que transformará o Brasil.

O Brasil é um país especial, muito especial. Nós temos imensas riquezas: nós temos petróleo – os países que têm petróleo geralmente eles têm uma renda excedente que permite que eles acelerem o crescimento, e nós temos de acelerar o crescimento. Este país tem minério de ferro, tem uma agricultura altamente competitiva porque incorporou tecnologia. Este país tem uma indústria sofisticada e uma grande capacidade de sobrevivência, porque resistiu a todos os planos econômicos de que se tem notícia. Enfim, este é um país que tem uma classe trabalhadora, que vários empresários... Está aqui o Gerdau, que sempre me disse: a capacidade do trabalhador brasileiro, a esperteza, a dedicação ao trabalho, torna a nossa indústria bastante competitiva. Não é verdade que somos um povo que não temos vocação para o trabalho. Mas tem uma coisa que é a coisa mais importante que o Brasil tem: nós temos uma população grande, de 200 milhões, mas nós não temos, dentro dessa população, divisão de casta, nós não temos várias línguas, e nós temos todas as condições, dada essa riqueza deste país, de sermos capazes de transformar isso num dos países com maior projeção internacional. Eu não estou falando de lugar na escala, eu acho lugar na escala interessante, mas não resolve muita coisa lugar na escala, se é primeiro, segundo, terceiro, quarto ou quinto. Nós estamos entre os grandes países, e depende de nós, depende de vocês aqui, depende do Aloizio Mercadante e do Raupp, serem capazes de transformar esse potencial, essas condições objetivas, essa conquista da história do Brasil - porque a indústria,

a agricultura e os serviços, tudo isso é conquista de um período histórico - transformar isso no verdadeiro... na verdadeira capacidade de transformação, que é a qualidade e a formação da sua população.

Nós só daremos o salto se ampliarmos, cada vez mais, esse legado que o presidente Lula nos deixou na área da Educação. Nós vamos ter de ir além, muito além, sempre além. E eu acho que esse é um legado, e para a gente honrá-lo, temos de avançar também no que se refere à Ciência e Tecnologia.

Nós, em algumas áreas, já temos grande capacidade. Nós somos um dos poucos países que perfuram petróleo em grandes profundidades, com temperaturas extremas e uma pressão muito elevada. Temos tecnologia para isso, e não tomamos essa tecnologia emprestada de ninguém. Não foi por transferência de tecnologia. Pode ter sido por transferência de conhecimento, mas transferência de conhecimento aplicada no Brasil, criada no Brasil e feita no Brasil, porque, só assim, você incorpora, de fato, e cria tecnologia.

Nós temos, na área dos alimentos, da produção alimentar, também alta tecnologia. O que nós queremos é sermos capazes de desenvolver tudo aquilo que podemos desenvolver. E, aí, não é só “aquilo que pode ser produzido no Brasil tem de ser produzido no Brasil”, mas é também... não nenhum “buy, América” apenas, ou “buy”... “compre, francês”, como é o caso que está acontecendo na França na disputa presidencial hoje. Mas é, sobretudo, um “produza, Brasil”. “Produza, Brasil” no sentido de ciência e tecnologia, de produção local com trabalhadores brasileiros.

Nós temos condição de ter tecnologia competitiva, de ter tecnologia que ocupe o mercado internacional. Depende da capacidade que nós tivermos, não só de ampliar a educação, mas de garantir que a educação seja de qualidade. Daí, ela tem de ser da creche à pós-graduação, senão ela não é de qualidade.

Por isso, eu queria reconhecer no Fernando Haddad um grande ministro da Educação. Não apenas porque eu vi um trabalho dele quando eu participei, como ministra-chefe da Casa Civil do governo do presidente Lula, mas também pela experiência que eu tenho no governo. Porque colocar, como diz o Aloizio Mercadante, em pé, o Pronatec, garantir que ele seja executado e acompanhá-lo até a nona casa decimal é difícil, é difícil. E eu acho que é importante que vocês saibam que isso nós fizemos com o Pronatec.

Não é trivial, nenhum projeto é trivial, por isso que ontem eu defendi o Enem. Sabem por que eu defendi o Enem aqui, a partir de uma pergunta me dirigida pelos jornalistas? Porque eu estou fazendo, estou vendo o ProUni crescer, estamos fazendo o Ciência sem Fronteiras, que também tem de ficar em pé, tem de ser entregue e tem de ter controle até a nona casa decimal. Por quê? Como é que eu garanto o acesso democrático a esses programas? Como é que eu posso garantir o acesso democrático à universidade, ao ProUni, ao Ciência sem Fronteiras sem o Enem? O que eu farei? Como é que seria a modelagem dos programas educacionais sem o Enem? Isso mostra a importância do Enem.

Agora, como eu reconheci para a imprensa: projeto é que nem criança, se você não acompanhar ele não melhora, ele não tem toda a sua potencialidade. Você tem de mudar o que está errado. Esta parte do processo é absolutamente virtuosa. Nenhum de nós é soberbo de achar que um projeto que se faz, ele nasce perfeito. Ele precisa do teste da realidade, ele precisa da tentativa e erro.

Agora, há que reconhecer que para um processo que abrange milhões de pessoas é inevitável que nos primeiros tempos você tenha alguns desvios. E esses desvios, nós temos a humildade de reconhecer e de corrigir. Porque quem não é capaz de fazer isto não faz uma boa gestão. E aqui eu quero reconhecer que o Fernando é capaz de fazer isso.

Nós somos um governo de homens e mulheres, portanto um governo passível de cometer suas falhas. O nosso compromisso, a nossa atitude é uma atitude de procurar o melhor projeto, garantir que ele seja executado, e, sobretudo, garantir que ele atenda seus compromissos. Um projeto de educação que não tiver compromisso com a educação de

quem é mais rico, médio ou mais pobre, não é um projeto de educação para este país. E é isso que o Enem fez. O Enem criou uma régua que garante que eu possa hoje colocar... não é transformar alunos do ensino público médio na universidade ou no ProUni, nem tampouco só colocar esses alunos no ProUni e formar médicos. Isso é muito importante, mas nós queremos mais. Nós queremos que esses alunos vão estudar nas maiores universidades do mundo. Para isso, nós iremos escolher estudantes do ProUni que têm nota superior a 600 no Enem. Se não tivesse esses alunos com nota superior a 600, como é que eu escolheria? Eu pegaria no vestibular? Com critérios absolutamente díspares, sem igualdades e com assimetrias? Como é que eu faria?

Então, eu quero só alertar isso, porque fazer a defesa do Enem... eu não estou aqui fazendo a defesa do Enem por nenhum princípio de teimosia, mas é porque, ao fazê-lo, eu estou defendendo o ProUni, estou defendendo o Reuni, estou defendendo o Ciência sem Fronteiras.

Agora, podem ter certeza de que nós faremos tudo para cada vez melhorar mais o Enem. Tudo, o possível e o impossível o meu governo fará para melhorar o Enem, posto que ele é um instrumento de acesso democrático à Educação, de garantia, de estímulo para os estudantes e os jovens brasileiros saberem: "Olha é importante ter boa nota! Quem tem boa nota tem mais oportunidade". Isso é fundamental para este país. Democracia não significa que nós não premiaremos o mérito. Nós vamos premiar o mérito, mas, democracia significa, no que se refere à Educação, acesso a oportunidade.

Eu queria dizer que eu tenho extrema segurança das escolhas que estão sendo apresentadas para vocês. Eu convivi no último ano intensamente com o ministro Mercadante. Posso assegurar para vocês que o ministro Mercadante, além do talento que vocês conhecem como senador, tem um que estava escondido. O ministro Mercadante é um excelente gestor. Além disso, ele é obstinado e obcecado pelo que faz. Isso é essencial para se fazer um governo. É necessário que a gente não desista e que a gente procure o melhor possível. Acho que em tudo que se faz isso é imprescindível.

Querida dizer também que é mérito deste casamento entre o Mercadante e o Paulo Haddad, Paulo desculpa, e o Fernando Haddad, é mérito dele, deste casamento, o Ciência sem Fronteiras. E mérito por quê? Porque foi necessária a junção dos dois para que a gente pudesse fazer isso. E é essencial para o Brasil, porque faz parte daquilo que se chama como conseguir encurtar o caminho para a inovação.

Além disso, eu queria destacar o nosso cientista, matemático, Marco Antônio Raupp. Ele é uma pessoa que sai da comunidade científica. O Brasil precisa também fazer outro casamento, hoje estou muito casadoira, entre a empresa e a universidade, entre o centro tecnológico, a empresa e a universidade. Não há nem transferência de tecnologia quando você não tem empresa capacitada para absorver, empresa privada, empresa pública, há que ter uma empresa, e não tenha um instituto tecnológico e uma rede de pesquisa científica. Ninguém transfere tecnologia, ninguém absorve tecnologia sem essa parceria. Todas as experiências que nós tivemos no governo quando a gente busca forçar a absorção de tecnologia, exige essa parceria. E aí, eu tenho certeza que o Mercadante e o Raupp, o Raupp e o Mercadante serão capazes de fazer isso, até porque, vários projetos de linha de frente na área de pesquisa estavam em andamento dentro do MCT, dentro do Ministério da Ciência e Tecnologia, acompanhados pelo Raupp. Na verdade, podem ter certeza, não tem solução de continuidade, não tem interrupção, nesta transmissão de cargo.

Finalmente, eu queria dizer que eu fico, ao mesmo tempo feliz porque sempre que uma pessoa talentosa vai enfrentar um desafio, a gente tem que ficar feliz por ela, porque ela está indo sempre além do seu momento. E isso é fundamental. Nenhum de nós pode ficar onde está, tem de ir além do seu momento. Então, cumprimento Fernando Haddad, fico feliz por ele e, ao mesmo tempo, fico infeliz porque se trata de um excepcional gestor público, de um grande educador e, além disso, de um amigo querido. Quero dizer ao Fernando Haddad, que

se despede hoje de nós, que eu lamento muito não poder contar com ele. Mas, tenho certeza que ele pode saber que o Aloizio Mercadante vai estar à altura e espero impulsionar o Aloizio Mercadante para ficar um pouquinho mais alto, e tenho certeza também de que o Raupp vai fazer a mesma coisa no MCTI.

Finalmente, eu agradeço mais uma vez, a presença do nosso inesquecível presidente Lula. E agradeço a ele por ter vindo.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-da-educacao-aloizio-mercadante-e-da-ciencia-tecnologia-e-inovacao-marco-antonio-raupp\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-da-educacao-aloizio-mercadante-e-da-ciencia-tecnologia-e-inovacao-marco-antonio-raupp) (32min03s) da Presidenta Dilma

Salvar

25-01-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de entrega da Medalha 25 de Janeiro no âmbito das comemorações do 458º aniversário de fundação da cidade de São Paulo

Presidenta Dilma discursa na cerimônia de entrega da Medalha 25 de Janeiro no âmbito das comemorações do 458º aniversário de fundação da cidade de São Paulo

São Paulo-SP, 25 de janeiro de 2012

Eu queria iniciar saudando o presidente Fernando Henrique Cardoso, até porque espero que esse reconhecimento, que eu acho importante que nós tenhamos o hábito de fazer para os ex-presidentes da República, seja uma prática do Brasil democrático.

Queria também cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer,

O governador Geraldo Alckmin,

A primeira-dama Lu Alckmin,

Cumprimentar o governador... o vice-governador do estado, Afif Domingos,

O Dom Odilo Scherer, arcebispo de São Paulo,

Queria dirigir um cumprimento especial e um agradecimento a essa figura capaz de agregar, capaz de criar vínculos fraternos, republicanos com pessoas as mais diferenciadas, que é o prefeito Gilberto Kassab, a quem sou muito grata por esta honraria.

Queria cumprimentar o presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, desembargador Ivan Sartori,

O ministro Gilberto Carvalho, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

O senhor Eduardo Suplicy, senador,

O senhor José Serra, ex-governador de São Paulo,

O senhor Cláudio Lembo, ex-governador do estado de São Paulo,

A senhora Alda Marco Antonio, vice-prefeita de São Paulo,

Os senhores e as senhoras parlamentares aqui presentes,

Os senhores e as senhoras secretários estaduais e municipais,

Os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

A todos os paulistanos e aos paulistas aqui presentes,

Eu queria dizer para vocês que me honra muito participar desta festa nesta cidade que hoje faz 458 anos e que eu tive a honra de participar, um ano atrás, de uma cerimônia como esta que homenageou um grande brasileiro, uma pessoa que deu grandes serviços ao nosso país, o nosso querido e inesquecível José Alencar.

Eu recebo, com muita honra esta homenagem porque todos nós, brasileiros – eu não nasci aqui, eu sou mineira –, mas todos nós, brasileiros, sabemos o que São Paulo sempre significou no imaginário brasileiro. Era aqui que as pessoas que tinham esperança ou que buscavam um desafio ou queriam vencer na vida, era para aqui que os brasileiros se dirigiam. Então, São Paulo teve sempre, para nós, brasileiros, um efeito simbólico muito grande. Era

aqui que o Brasil crescia, era aqui que a riqueza era produzida, os trabalhadores tinham oportunidades, e esta cidade, sobretudo, tem, eu acho, um momento muito especial. Ela nasceu e foi nucleada em torno de um convento e de uma escola. Por isso, ela também foi um dos centros científicos e de cultura do nosso país e, por isso, teve presença não só na criação da modernidade econômica, mas foi presença também no nascimento do Modernismo no Brasil.

Eu tenho muito orgulho de ostentar esta medalha, que hoje, com a generosidade do prefeito Kassab, me foi entregue. E aí eu lembro da introdução de um livro do Roberto Pompeu de Toledo, em que ele diz que no aniversário de 450 anos da cidade de São Paulo foi feita uma pesquisa para detectar qual era a música que representava São Paulo. Duas músicas ganharam: a primeira, Trem das Onze, e a segunda música vencedora foi Sampa, uma do Adoniran e a outra do Caetano.

Na música do Caetano tem uma passagem que eu acho que reflete e que abre toda uma discussão, que é aquela passagem que... “alguma coisa acontece no meu coração quando eu cruzo a Ipiranga com a Avenida São João”. O Roberto Pompeu de Toledo, nesse livro que é magistral, dizia que era a admiração, a perplexidade, o absoluto estarecimento diante daquele movimento, daquela impermanência, mas eu acho que tem outra... outro sentimento, outra sensação que passa no coração dos brasileiros, quando cruzam a Ipiranga com a Avenida São João, e eu acho que sempre foi uma sensação de esperança. Esperança de todos os... todos aqueles que, muitas vezes, saíram do Norte, do Nordeste deste país, em busca de ganhar sua vida, mas também uma imensa esperança de que nosso país pode ser do tamanho de São Paulo.

Eu acho, sobretudo, que essa esperança é que está sempre no coração e na cabeça da gente quando a gente cruza a Ipiranga com a Avenida São João. E, eu tenho certeza de que nós somos, hoje, um dos maiores e mais predestinados países do mundo. Temos, já no presente, muitas realizações e, sobretudo, estamos construindo, e eu tenho a certeza de que, cada vez mais com a contribuição de cada homem e de cada mulher, de cada governador e de cada prefeito, um Brasil melhor.

Mas, São Paulo, sem sombra de dúvida, com a sua capacidade de gerar riqueza, de gerar conhecimento e de gerar cultura é sempre e será sempre um farol para o nosso país. Por isso, eu fico emocionada e agradeço bastante ao nosso prefeito Kassab por esta homenagem.

Quero dizer a vocês que eu já honrava a cidade de São Paulo com amor pelas suas ruas, pela sua gente, mas, sobretudo, com a certeza de que se aqui nasceu a Idade Moderna, de que se aqui nasceu muito do que foram as grandes realizações do país, aqui também nasceu a capacidade deste país de ter uma relação generosa com as outras regiões, de gerar, também, desenvolvimento para todas as regiões do país. Por isso, São Paulo tem essa característica de esperança.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso \(resolveuid/b1e7d169292844fb3efe964d0147c077\)](#) (09min09s) da Presidenta Dilma

Salvar

26-01-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura de acordo entre a União e a Companhia Estadual de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul

A presidenta manifestou solidariedade à população do Rio de Janeiro e aos familiares das vítimas do desabamento de três prédios do centro da capital fluminense

Porto Alegre-RS, 26 de janeiro de 2012

Governador Tarso Genro,

Ex-governador Collares, ex-governador Olívio, que eu tive a honra de ser a secretária dos dois.

Queria também cumprimentar aqui os ministros Adams, Luís Adams, da Advocacia-Geral da União; o ministro Gilberto Carvalho, da Secretaria Geral; a Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos; o ministro da Agricultura, nosso querido Mendes Ribeiro.

Queria cumprimentar também o secretário do Tesouro Nacional, Arno Augustin,

E o meu querido assessor para Assuntos Internacionais, Marco Aurélio Garcia.

É importante também, aqui, dirigir um cumprimento todo especial ao prefeito de Porto Alegre, nosso querido Fortunati,

Ao vice-governador, Beto Grill,

Ao deputado Adão Villaverde, presidente da Assembleia,

Aos deputados federais aqui presentes, Assis Melo, Bohn Gass, Dionilso Marcon, Giovani Cherini, Pepe Vargas, Vieira da Cunha, Vilson Covatti.

Queria também cumprimentar os deputados estaduais aqui presentes,

O Sérgio Souza Dias, diretor-presidente da Companhia Estadual de Energia Elétrica,

Queria dirigir um cumprimento a todos os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas aqui presentes,

Queria dirigir, inicialmente, um cumprimento também ao Gerson Carrion que, como diretor da CEEE – e eu testemunho isso –, foi onde tudo começou. Parabéns a ele. É sempre bom quando a gente vê um funcionário de uma empresa, ou um funcionário de um órgão governamental, zelar pelos interesses da empresa ou pelo órgão governamental.

A história desse processo é uma história longa. Ela começa com um fato que é o seguinte: o governo federal, não importa em que época, ele fez uma espécie de um encontro de contas e, depois, ele também considerou que algumas parcelas integravam a tarifa e outras não.

Na verdade, naquela época nós considerávamos – eu incluída – que tanto o Rio Grande do Sul como São Paulo e, se eu não me engano, Goiás, tinham sido prejudicados pela forma como o acordo tinha sido feito, no âmbito federal. Todas as demais empresas tinham ganhado esse processo e tinham obtido que o governo federal reconhecesse esse processo.

O fato é que ao longo desses 18 anos foi uma batalha judicial. Então, se recorreu à primeira instância, à segunda instância, à terceira instância. E, na terceira instância o processo foi

considerado um processo vitorioso e, portanto, a justiça devia ser feita, e foi feita. Eu queria dizer que foi feita e nós temos, assim, muita honra, porque a gente tem de ficar honrado quando a gente assume a parte da Justiça.

Esse acordo, ele representa o reconhecimento do governo federal, no momento em que o governo federal pode reconhecer. Porque o governo federal, mesmo o Arno Augustin sendo gaúcho, o Luís Adams sendo gaúcho, e eu tendo estado na origem da ação, nós não podemos reconhecer enquanto a Justiça não o reconhece. E nós não o fizemos. Isso é muito importante de se registrar porque também, mesmo eu conhecendo a origem dessa ação, nós não podemos assumir e substituir a Justiça.

Então, quando a Justiça deu ganho de causa para o Governo do Rio Grande do Sul, definitivamente, foi uma iniciativa muito importante do governador Tarso Genro, que não descansou enquanto não colocou isso na pauta do governador Tarso Genro, e ele tem razão... do seu secretariado. Porque não havia secretário de estado do Rio Grande do Sul que não tocasse esse assunto quando qualquer questão relativa à relação entre o governo federal e o governo do estado era colocada na pauta.

Por isso, eu considero que este é um momento de justiça. É um momento de justiça e, sobretudo, eu tenho a plena convicção de que a parte Rio Grande do Sul, Companhia Estadual de Energia Elétrica, nessa questão... Porque, muitas vezes, as pessoas ganham litígios judiciais e, aí, há até uma controvérsia se, de fato, onde é que está a justiça?

Eu, além de ter plena certeza de que a justiça foi feita, do ponto de vista institucional, eu tenho o convencimento de que é de justiça o que se paga ao estado do Rio Grande do Sul, por conta de um processo em que ele foi perdedor e a Companhia Estadual de Energia Elétrica foi perdedora naquela época. Então, o que nós estamos hoje presenciando é isto: nós estamos participando, em um momento muito importante, que é este, de se fazer justiça.

Eu queria dizer que eu sempre tenho muito prazer de vir aqui ao Rio Grande do Sul porque aqui mora a minha família, minha filha e meu neto. Mas hoje eu venho com um motivo muito forte: esse que é este momento especial, a que eu já me referi, e também participar do Fórum Social Mundial. Neste momento, o Fórum Social Mundial na parte latino-americana.

Além disso, eu queria aproveitar e transmitir também para o povo de um outro estado da Federação – e nada melhor do que fazê-lo aqui, no Rio Grande, que sempre foi um estado fronteiro que optou pelo Brasil. Então, me solidarizar com a população do Rio de Janeiro, principalmente com as famílias daquelas pessoas que foram atingidas por esta catástrofe, que foi a derrubada do edifício e depois dos outros dois. É, eu tenho certeza, um local em que a população gaúcha se une a mim para se solidarizar à população carioca.

Eu acompanhei, no dia de hoje, com o prefeito Eduardo Paes e com o prefeito [governador] Sérgio Cabral, todo o esforço que o governo, tanto do município como do estado, estão fazendo, e transmiti a eles também meus sentimentos e minhas esperanças de que os sobreviventes sejam encontrados... de que as pessoas sobrevivam e que sejam encontradas com vida após esse esforço que eles estão fazendo de resgatar aqueles que estão soterrados.

Eu queria, finalmente, dizer para vocês que, mais uma vez, eu venho aqui ao Rio Grande do Sul... Hoje eu estava lendo o jornal e estavam dizendo que cada vez eu trago uma coisa. Desta vez, eu acredito que nós trouxemos, o governo federal e o governo do estado.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-de-acordo-entre-a-uniao-e-a-companhia-estadual-de-energia-eletrica-do-rio-grande-do-sul-08mim46s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-de-acordo-entre-a-uniao-e-a-companhia-estadual-de-energia-eletrica-do-rio-grande-do-sul-08mim46s>) (08min46s) da Presidenta Dilma

Salvar

26-01-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o Fórum Social Mundial – Diálogos entre Sociedade Civil e Governo

A presidenta Dilma discursa em defesa de um novo modelo de desenvolvimento

Porto Alegre-RS, 26 de janeiro de 2012

Quero saudar muito especialmente todos os participantes do Fórum Social Mundial e deste fórum temático,

Saudar o governador Tarso Genro,

O prefeito Fortunati,

Os ministros, aqui, que me acompanham,

As lideranças políticas,

Os representantes dos movimentos sociais que hoje se reúnem neste Fórum,

Companheiras e companheiros,

É uma grande alegria poder voltar a Porto Alegre para participar de mais uma reunião do Fórum Social Mundial. Aqui estive em 2001. Participei, naquela ocasião, do primeiro encontro do Fórum, quando eu ainda era secretária de Energia do governador Olívio Dutra, a quem saúdo agora, meu companheiro e meu amigo.

Desde então, esta cidade transformou-se em referência para todos aqueles que buscavam criar uma alternativa ao desequilíbrio da situação econômica e política global. Aqui, se afirmou a ideia de que um outro mundo é possível. Aqui, estavam, como hoje aqui estão, os que não sucumbiram ao pensamento único, nem acreditaram no fim da história.

Mas muita coisa ocorreu nesses últimos 11 anos. A crise, que vinha latente da economia internacional transformou-se em crise real a partir de 2008 e, desde então, não parou de agravar-se. Nesses últimos 11 anos surgiram também coisas muito positivas. Na América Latina, foram sendo construídas respostas progressistas e democráticas aos desequilíbrios internacionais. Na maioria dos países da região, dentre eles o meu país – o Brasil –, estão em curso importantes transformações econômicas, sociais e políticas.

Nossos países crescem, enquanto outras partes do mundo vivem a estagnação, a recessão e, muitas vezes, um grande desemprego. Nossos países reduzem a pobreza e a desigualdade social, e, como eu disse, em outras regiões, aumenta a desigualdade, aumenta a exclusão e direitos são perdidos.

Nossos países, hoje, não sacrificam sua soberania frente às pressões de potências, grupos financeiros ou agências de classificação de risco, mas, sobretudo, nossos países avançam fortalecendo a democracia. Na América do Sul, como diz aquela canção da Revolução dos Cravos, da Revolução Portuguesa: “O povo é quem mais ordena”.

Companheiras e companheiros,

É muito importante que este encontro do Fórum Social Mundial ocorra poucos meses antes da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – a Rio+20. A crise

financeira e as incertezas que pairam sobre o futuro da economia mundial dão uma significação especial à Rio+20.

Em grande parte do mundo desenvolvido, busca-se enfrentar a crise com medidas fiscais regressivas, que têm consequências sociais e ambientais nefastas e trazem consigo perigosas ameaças, como eu disse: o desemprego, a xenofobia, o autoritarismo, a paralisia no enfrentamento do aquecimento global, além de ameaças à paz mundial.

Há poucos meses, estive em Cannes, na reunião do G-20, que nos propunham novo mundo, novas ideias. A despeito dos avanços que eventualmente logramos naquele encontro, confesso que não fiquei satisfeita com os resultados. Não é fácil produzir novas ideias e alternativas quando estamos dominados por preconceitos políticos e ideológicos. Conhecemos bem essa história.

Nos anos 80 e 90, confrontados com profundos desequilíbrios macroeconômicos, foram preconceitos políticos, foram preconceitos ideológicos que impingiram aos países da América Latina o modelo conservador que levou nosso país à estagnação, à perda de espaço democrático e soberano, aprofundando a pobreza, o desemprego e a exclusão social. Hoje, essas receitas fracassadas estão sendo propostas novamente na Europa.

A Rio+20, que terá a participação de chefes de Estado e de Governo, mas também de expressivos setores da sociedade civil, deve ser um momento importante de um processo de renovação de ideias, diferentemente das Conferências das Partes, as chamadas COP. Centrado na importante questão ambiental e nos problemas da mudança do clima, o encontro do Rio vai enfrentar uma questão mais ampla e mais decisiva: estará no centro dos debates um novo modelo de desenvolvimento, contemplando três dimensões – a econômica, a social e a ambiental.

Queremos que a palavra “desenvolvimento” apareça, de agora em diante, sempre associada à expressão “sustentável”. Ao lado dos objetivos de desenvolvimento do milênio, é necessário estabelecer também os objetivos do desenvolvimento sustentável. Esses objetivos, que abrangem compromissos e metas para todos os países do mundo, têm, no seu centro, o combate à pobreza e à desigualdade e a sustentabilidade ambiental.

Assumimos aqui, como sempre assumimos, ao longo do governo Lula e do meu governo, que é possível crescer e incluir, proteger e conservar. O que estará em debate na Rio+20 é um modelo de desenvolvimento capaz de articular o crescimento e a geração de emprego; a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades; a participação social e ampliação de direitos, a educação e a inovação tecnológica; o uso sustentável e a preservação dos recursos ambientais.

Em Copenhague, há quase três anos, nosso governo assumiu novas responsabilidades nas questões relacionadas à mudança do clima. Apresentamos lá, em Copenhague, para o mundo, e aqui, no Brasil, como compromisso voluntário do nosso governo, a significativa redução de emissões de gás de efeito estufa. Lamentavelmente, alguns outros países relutaram – e até hoje relutam – em anunciar seus esforços para a redução das emissões. Somos o país que, de acordo com as Nações Unidas, mais tem feito pela redução das emissões de gás de efeito estufa em todo o planeta. Esses compromissos são parte integrante da grande transformação que está em curso em nosso país nos últimos nove anos. No meu governo, quando falamos de desenvolvimento sustentável, eu quero dizer aqui, de forma clara, no que estamos falando: para nós, desenvolvimento sustentável significa crescimento acelerado de nossa economia para poder distribuir riqueza; significa criação de empregos formais e expansão da renda dos trabalhadores; significa distribuição de renda para pôr fim à miséria e reduzir a pobreza, com políticas públicas que provoquem melhoria da educação, da saúde, da segurança pública e de todos os serviços públicos fornecidos pelo Estado brasileiro; crescimento regional equilibrado da renda, que corrija os desequilíbrios entre as regiões do país, que corrija a condenação de uma parte deste país ao baixo desenvolvimento, como foi o caso do Norte e do Nordeste; criação de um amplo mercado de

bens de consumo de massas, que passe a dar sustentação interna ao nosso desenvolvimento; significa também que o Brasil está se transformando, e nós o faremos se transformar, cada dia mais, do ponto de vista socioeconômico, em um país de classes médias; significa desenvolvimento que tenha na sustentabilidade ambiental uma condição imprescindível.

Nossas escolhas, em matéria de energia, de segurança alimentar, de infraestrutura logística, de inovação tecnológica, levam em conta o uso sustentável de nossos recursos ambientais.

Além disso, o desenvolvimento sustentável significa aprofundamento dos mecanismos de participação social e o fortalecimento da nossa democracia; significa incentivo e defesa dos nossos valores, da nossa cultura, da nossa diversidade cultural; finalmente, significa uma inserção soberana e competitiva no mundo.

Companheiras e companheiros,

O grande nó que o presidente Lula começou a desatar, a partir de 2003, era o da exclusão e o da desigualdade social. Estamos ganhando essa batalha, como nos mostram os 40 milhões de brasileiros e brasileiras que deixaram a miséria e ascenderam às classes médias. E nossos esforços para erradicar essa chaga social, nos próximos anos, será a determinação de fazer cumprir o programa Brasil sem Miséria.

O lugar que o Brasil, hoje, ocupa no mundo não é consequência de nenhum milagre econômico, como acontecia no passado. É resultado do esforço do povo brasileiro e de seu governo, que souberam optar por um novo caminho. O Brasil, hoje, é um outro país. Ninguém, ninguém, nenhum grupo pode nos tirar isso. Nós somos, hoje, um país mais forte, mais desenvolvido e mais respeitado. Um país que convive harmonicamente com seus vizinhos da América do Sul e da América Latina e do Caribe, e que quer construir com eles um polo de desenvolvimento e de democracia no mundo.

Da mesma forma, abrimos novas relações com os nossos irmãos africanos, com o Mundo Árabe, dando uma especial atenção à Palestina, que esperamos possa constituir-se, brevemente, como Estado livre, Estado pacífico e democrático e com sua soberania garantida.

Nos países chamados Brics, nós lutamos por uma nova ordem econômica e política mundial multipolar, mais justa, mais democrática. Em todos os fóruns globais, somos partidários do multilateralismo, do desarmamento e das soluções negociadas para todas as ameaças à paz mundial.

Companheiras e companheiros,

A tarefa que nos impõe este Fórum, assim como a Rio+20 e outros eventos que virão, é o de desencadear o movimento de renovação de ideais e de novos processos, absolutamente necessários para enfrentar os dias difíceis em que hoje vive ampla parte da humanidade.

Estudos recentes da OCDE, que congrega os países desenvolvidos, revelam um processo crescente de concentração de renda e aumento da desigualdade nos países desenvolvidos e mesmo em alguns emergentes. A contrapartida disso tudo é, e está sendo hoje, a explosão do desemprego e a expansão da pobreza nos países pelo mundo afora.

Esses dois fenômenos – desemprego e desigualdade social – são particularmente cruéis quando se trata de nações ricas, que conquistaram direitos e agora os perdem. E são também cruéis porque atingem, prioritariamente, os jovens, as mulheres e os imigrantes. A dissonância entre a voz dos mercados e a voz das ruas parece aumentar, cada vez mais, nos países desenvolvidos, colocando em risco não apenas conquistas sociais, mas a própria democracia.

O mundo do pós-neoliberalismo não pode ser o mundo de pós-democracia, como bem apontou, recentemente, um filósofo alemão. A indignação de jovens, de mulheres, de militantes, que ocupam as ruas de dezenas de cidades do mundo, é um sintoma importante que não pode ser desconsiderado.

Nesse contexto, as mulheres desse mundo afora têm tido um protagonismo crescente e

determinante para as mudanças. Como afirmei na abertura da Assembleia Geral da ONU, tenho certeza de que nós, mulheres, faremos tudo para garantir que o século XXI seja o século das mulheres.

As organizações da sociedade civil e os governos progressistas, cada um na sua dimensão, podem fazer desses primeiros anos do novo milênio o anúncio de uma nova era. Para isso, é decisivo o fortalecimento dos laços de solidariedade e da cooperação Sul-Sul que unem os nossos povos.

Os grandes movimentos da humanidade são feitos de ação, mas também, de esperança. Foi a esperança que moveu a minha geração, décadas atrás. Hoje, quando olho para o caminho percorrido e para os objetivos alcançados, só posso dizer a vocês: valeu a pena, companheiros e companheiras.

É essa esperança, é essa esperança que nos une e nos mobiliza para a Rio+20. É essa esperança que deve sempre nos guiar na busca de um novo modo de vida, inclusivo e sustentável.

Sabendo que o papel da sociedade civil será determinante para o êxito da Rio+20, conto com a mobilização, com o engajamento e a presença de vocês no Rio de Janeiro. Eu tenho certeza: um outro mundo é possível.

Até o Rio de Janeiro.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-o-forum-social-mundial-dialogos-entre-sociedade-civil-e-governo\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-o-forum-social-mundial-dialogos-entre-sociedade-civil-e-governo)(22min08s) da Presidenta Dilma

■

Salvar

29-01-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia alusiva ao Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto

Presidenta Dilma discursa durante a cerimônia alusiva ao Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto

Salvador-BA, 29 de janeiro de 2012

Boa tarde a todos.

Eu queria iniciar cumprimentando o governador da Bahia, meu amigo, companheiro Jaques Wagner, cumprimentando a minha amiga Fátima Mendonça e dirigindo um cumprimento muito especial para a dona Paulina.

Cumprimentar também o vice-governador, Otto Alencar.

E dizer que para mim é uma honra estar aqui, neste momento, hoje.

Agradeço as palavras do amigo, também, Cláudio Lottenberg, presidente da Confederação Israelita do Brasil.

Queria cumprimentar os senhores embaixadores de Israel, Rafael Eldad, e Yves Saint-Geours, da França.

O senhor presidente da Sociedade Israelita da Bahia, Maurício Kertzman,

Os ministros e ministras de Estado que me acompanham hoje: Maria do Rosário, dos Direitos Humanos; Luiza Bairros, de Política da Promoção da Igualdade Racial; José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; e Marco Aurélio Garcia, assessor especial de Relações Exteriores.

Queria cumprimentar também o presidente da Assembleia Legislativa aqui da Bahia, deputado Marcelo Nilo,

A desembargadora, presidente do Tribunal de Justiça, Telma Britto,

O Arcebispo Emérito, dom Geraldo Magela,

Os senadores Lídice da Mata, Walter Pinheiro e João Durval.

Queria cumprimentar os deputados federais e as deputadas federais aqui presentes.

O prefeito em exercício de Salvador, Edvaldo Brito,

O senhor Jack Terpins, presidente do Congresso Judaico Latino-americano,

O rabino Ariel – também não vou falar, é impossível... Bom, vou tentar: Oliszewski, por intermédio de quem cumprimento todos os rabinos e representantes de entidades israelitas estaduais e municipais aqui presentes.

Dirijo também uma saudação especial para o professor Luiz Edmundo Souza, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pela excelente fala que nos proporcionou nesta noite.

Cumprimentar, também, o senhor Henry Nekrycz, escritor e sobrevivente de campo de concentração,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Eu me sinto extremamente honrada de participar, pela segunda vez, na condição de presidenta da República, desta cerimônia em memória das vítimas de um dos episódios mais violentos, mais trágicos, mais horripilantes da história da humanidade, especificamente da história do século XX, o Holocausto.

Eu parablenzo a Confederação Israelita do Brasil pela escolha da Bahia, especialmente de Salvador, berço do Brasil, para esta homenagem. Esta cidade, ela possui a maior população de afrodescendentes fora da África, foi palco de lutas históricas, tanto pela independência do meu país, do nosso país, quanto pela abolição da escravatura. Sua história política e cultural está ligada intimamente à revolta contra a dor e o sofrimento a que os povos africanos foram submetidos em solo brasileiro.

Mas Salvador também tem um lado muito forte, muito positivo, que é o fato de ser símbolo de uma comunidade que por cultura, por características de sua formação, rejeita a discriminação e tem uma imensa capacidade de acolher e de respeitar algo fundamental, que é a diversidade.

Celebrar aqui... Porque é uma celebração que se faz às vítimas do Holocausto quando nós resgatamos a memória delas. Nós afirmamos, como acabou o nosso governador dizendo: Holocausto nunca mais, nós estamos, aqui, nos manifestando sobre algo que de fato é uma nódoa na história da Humanidade. Mas, também, lembrar é, de uma certa forma, construir os mecanismos que para que jamais aconteça novamente.

E, aí, eu acho que tem dois ensinamentos que nós temos de tirar do horror: primeiro, é o próprio horror. Acho que ali, no Holocausto, e toda a política nazista em relação aos que divergiam, aos que eles consideravam diferentes, era uma política de violência extrema, não havia qualquer espaço de convívio, nem para a oposição, nem para o que eles consideravam diferentes.

E, aí, vem uma segunda questão, que é imensamente grave, na questão do Holocausto: é a teoria de que uma parte da humanidade era melhor que a outra. Sem sombra de dúvida, na escravatura nós tivemos a mesma manifestação. Em todas as guerras étnicas se tem esta mesma expressão. Mas no Holocausto foi feita uma tentativa, e o absurdo da tentativa é que ela foi tornada uma pseudociência de que uns eram mais humanos do que outros. Isso nós não podemos aceitar, porque esse é o princípio que assegura a base de todas as guerras de extermínio, de todos os genocídios e, também, da xenofobia que aparece em certas ocasiões, em momentos críticos da história da Humanidade.

Portanto, lembrar e fazer isto aqui, na Bahia, é, mais do que nunca, sermos capazes de, ao mesmo tempo em que homenageamos as vítimas do Holocausto em uma cidade que é expressão viva da diversidade cultural, religiosa, da diversidade étnica, é também um momento importante para que a gente reafirme o nosso compromisso de jamais nos silenciar diante de qualquer discriminação, de nunca nos omitir frente a crimes como aqueles praticados contra os judeus. Mas é também o momento para nós homenagearmos todos aqueles que foram capazes, mesmo tendo sido de uma certa forma, em alguns momentos, diante de algumas lutas, derrotados, mas que tiveram a cabeça erguida e foram capazes de lutar contra o racismo, a discriminação seja por raça, seja por opção sexual, seja por opção religiosa.

O Brasil é fiador e signatário de todos os tratados internacionais de combate ao racismo e à discriminação. Mas, sobretudo, nós temos de perceber... Eu considero muito acertada a fala do professor, quando ele diz que não é só uma manifestação contrária a um acontecimento que ocorreu há 72 anos, mas, sobretudo, é uma manifestação contra todos os preconceitos e discriminações no mundo atual.

Nós temos orgulho de viver numa sociedade que tem padrões de convivência mais harmoniosa. Mas nós sabemos que a nossa sociedade também ainda discrimina, discrimina o negro, discrimina o homossexual, discrimina o diferente. Nós temos de fazer esse

reconhecimento para poder termos consciência e combater. Eu não estou aqui para fazer um elogio do Brasil como uma terra de perfeita harmonia. Nós somos ainda uma sociedade imperfeita que trilha o caminho da democracia e, nesse sentido, nos permite a todos sermos responsáveis por construir, honrando, hoje, as vítimas do Holocausto, por construir um mundo melhor onde as crianças não sejam discriminadas, que as pessoas não sejam diferenciadas por sua cor, opção política, opção religiosa.

Ao fazer isso, eu acho que nós estamos caminhando no sentido de tornar presente e de jamais esquecer que aquilo aconteceu, jamais esquecer que houve uma política de extermínio na Segunda Guerra Mundial, que tentava eliminar aqueles que eram julgados fracos, que eram julgados incapazes. Basta andar pelos campos de concentração na Europa, projetados e construídos pelos nazistas para aniquilar a vida, que mostra ele... andando ali, salta aos nossos olhos, aparece claramente que o objetivo mais cruel era sufocar toda a dignidade humana e apagar qualquer vestígio de consciência. Sempre que se tenta destruir a dignidade humana ou mudar a consciência através de métodos desse tipo, nós estamos fazendo políticas de extermínio. Lamentavelmente elas ainda ocorrem no mundo. Lamentamos todas as vítimas de extermínio que neste dia, agora, nesse momento e nesse minuto são objeto, são vítimas da mesma política desumana e de desqualificação da pessoa humana, praticadas pelos nazistas.

Para todos nós sempre é um momento muito forte quando se olha as fotos dos prisioneiros e sobreviventes desses campos de extermínio. Eu acho que não só pelos corpos torturados, mas, sobretudo, pelos olhares torturados. E ao constatar a condição humana de cada um de nós nesses olhares, nós percebemos que essa condição foi questionada. E é isso que tem de eminentemente forte nesta celebração, hoje. Nós trazemos ao momento presente esta situação.

Sem dúvida nenhuma, o Holocausto, que alguns negam, servirá sempre de paradigma contra a intolerância e contra esta violência bestial. Nós não podemos apagar da nossa memória atos repulsivos, nem podemos achar que eles são privilégio de algum povo. Infelizmente, nós vemos que na humanidade há várias manifestações nesse sentido. Mas as sociedades democráticas, elas têm um poder: elas têm o poder de deixar e colocar a nu essas tentativas. Por isso, eu tenho certeza que, aqui, nós fazemos esta cerimônia para lembrar sempre e para que jamais se repita.

Minhas amigas e meus amigos,

A comunidade judaica, ela tem grande importância na formação social e cultural brasileira. O Brasil é fruto, em parte, da diáspora, sistemática diáspora que acontecia na Europa. Uma parte dos portugueses que vieram para o Brasil eram cristãos novos, aquelas pessoas que eram obrigadas a renunciar à sua crença para não serem exterminadas. Outra parte foi composta também pela vinda de judeus, fugindo do horror da Europa. As primeiras colônias vieram para o Nordeste, nesse movimento mais recente, e a sua contribuição tem sido fundamental.

Eu acredito que a comunidade judaica na Bahia, ela tem a mesma característica de todas as comunidades judaicas. E foi externado aqui, pelo rabino, que a única coisa que se podia levar, depois do confisco, era o saber e era a cultura, e era a educação.

Daí porque eu me congratulo com a construção de uma nova sinagoga, que contará com o primeiro Centro de Cultura Judaica no estado, e permitirá ampliar e socializar o conhecimento judaico junto à sociedade baiana, fazendo jus à tradição de povo do estudo, povo do livro, povo do conhecimento.

E, mais uma vez, além do terror, eu quero saudar a coragem e a esperança daqueles que lutaram, que lutaram na Segunda Guerra Mundial, que lutaram nos guetos, que lutaram contra os pogroms, que lutaram contra toda a política de extermínio, da forma que seja, mas lutaram, porque neles nós temos uma indicação da necessidade dessas duas palavras: da esperança e da coragem.

Eu queria dizer, finalmente, que o Brasil desde sempre foi o primeiro país a apoiar a criação do Estado israelense. E é convicção do governo brasileiro que é imprescindível que depois de tanto tempo haja paz no Oriente Médio. E o governo brasileiro considera imprescindível, para essa paz, a criação também de um Estado palestino democrático e não segregador.

Nós temos a certeza de que nós não resolvemos – e a realidade mais recente no mundo mostra isso –, nós não conseguimos resolver os problemas através dos conflitos armados. Nós acreditamos, talvez pelo fato de que vivamos há 140 anos em paz com todos os nossos vizinhos, nós acreditamos que a melhor solução é a construção de um ambiente de negociação e discussão.

Temos também a convicção de que há, sim, de fato, a necessidade de proteger populações civis, mas que também o mundo tem de se conscientizar de que há também responsabilidade no proteger, não basta responsabilidade ao proteger, quando se protege também é necessário que se tenha responsabilidade, para que a proteção não se torne numa situação de convulsão, de guerra ou de conflito armado.

Nós consideramos que o povo judeu tem uma imensa experiência histórica, não só esta, do Holocausto, mas de toda a sua trajetória de diáspora que, aliás, até a esse ponto tem em comum com a população africana aqui, houve uma diáspora africana também. Mas eu queria lembrar que na diáspora do povo judeu, ele conseguiu manter a integridade da sua cultura, em que pese todas as adversidades. E essa experiência é sempre, e foi sempre, uma experiência de paz. Não se tem notícia, em qualquer lugar em que houve comunidade israelense, comunidade judia, em que a intolerância fosse a característica.

Por isso, eu queria saudar a todos vocês aqui afirmando que nações dignas desse nome só se constroem com humanismo, solidariedade e tolerância, com liberdade, democracia e igualdade.

Muito obrigada.

▣
[Ouça a íntegra do discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-alusiva-ao-dia-internacional-em-memoria-as-vitimas-do-holocausto-salvador-ba-20min23s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-alusiva-ao-dia-internacional-em-memoria-as-vitimas-do-holocausto-salvador-ba-20min23s) (20min52s) da Presidenta Dilma

30-01-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de emissão da ordem de serviço de início das obras de Urbanização Integrada da Bacia do Rio Camaçari

Presidenta Dilma discursa na cerimônia de emissão da ordem de serviço de início das obras de Urbanização Integrada da Bacia do Rio Camaçari

Camaçari-BA, 30 de janeiro de 2012

Eu queria cumprimentar cada um dos moradores de Camaçari e das moradoras de Camaçari aqui presentes. Eu me sinto muito feliz de estar aqui agora e de ter, antes da minha viagem a Cuba e ao Haiti, parado aqui, porque aqui eu tenho, primeiro, que saudar – antes de mais nada, antes de qualquer autoridade – saudar o povo baiano. Tanto pelo fato de o povo baiano ter sido essencial para a minha eleição a presidenta, como porque eu me sinto responsável por melhorar, por garantir oportunidades para todos os baianos e para todas as baianas. E aqui em Camaçari, aqui em Camaçari está uma parte essencial, não só da Bahia, mas também do futuro do Brasil.

Por isso, eu começo pedindo desculpa ao governador Jaques Wagner por mudar a ordem do protocolo. Agora, eu conheço o Jaques. Eu tenho certeza que também para o governador Jaques Wagner a Bahia e os baianos vêm em primeiro lugar. Tenho certeza que ele vai me desculpar.

E aí eu queria cumprimentar este grande amigo Jaques Wagner, governador da Bahia, com quem nós temos uma trajetória de amizade, mas também de defendermos um projeto comum, um projeto onde, no centro dele estão as pessoas e não as coisas; no centro dele está a garantia de que o meu país, o seu país, o nosso país será um país cada vez mais desenvolvido, onde as pessoas tenham oportunidades e onde todos nós tenhamos orgulho de viver.

Queria também cumprimentar aqui os ministros de Estado que me acompanham. Vou começar cumprimentando o ministro Mário Negromonte, das Cidades que, no meu governo, tem sido responsável pela política de urbanização de favelas, de habitação, saneamento e proteção de encostas.

Queria também cumprimentar o ministro do Desenvolvimento Agrário, Afonso Florence.

Queria cumprimentar a ministra Luiza Bairros, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Em nome desses ministros, eu queria cumprimentar os demais ministros que me acompanham. Eu destaco esses ministros porque esses ministros têm tido um envolvimento com a Bahia. A Luiza, apesar de ser gaúcha, ela, na verdade, é uma baiana, é uma baiana, porque passou a maior parte da vida dela aqui na Bahia.

Queria cumprimentar também a senadora Lídice da Mata, os deputados federais, o Nelson Pellegrino, o Josias Gomes, o Emiliano, o Valmir Assunção.

E agora eu vou dirigir um cumprimento especial ao nosso prefeito aqui de Camaçari, prefeito

Luiz Caetano, e à primeira-dama, a nossa companheira Luiza. Eu tenho, aqui, imenso prazer de ter passado pelo teatro aqui de Camaçari. Acho que o Prefeito fez aqui em Camaçari uma obra que mostra a sua consideração pela população de Camaçari. Quando eu cheguei, o Prefeito me disse: “Esta é uma obra de rico para todos os pobres de Camaçari”. E eu acho que essa fala do Prefeito é uma fala especial, porque ela mostra o espírito da coisa. Nós temos de fazer obras de rico para toda a população brasileira e não para uma parte dela, como foi no passado.

Queria cumprimentar o nosso presidente da Caixa Econômica Federal, o baiano Jorge Hereda, facilmente reconhecível pela sua careca. O presidente da empresa Cowan, Saulo Wanderley, os deputados estaduais e as deputadas estaduais aqui presentes, vereadoras, prefeitos e lideranças políticas, o Rui Costa, coordenador do PAC 2 em nível estadual, o Ademar Delgado, coordenador do PAC 2 aqui em Camaçari.

Queria cumprimentar os profissionais de imprensa aqui presentes: os jornalistas, os fotógrafos, e os cinegrafistas.

Meus queridos e minhas queridas, companheiras e companheiros aqui de Camaçari, amigos e amigas.

Para mim, sempre que eu venho entregar ou lançar uma obra do Minha Casa, Minha Vida ou uma obra do Minha Casa, Minha Vida que tem ligação com qualquer obra de retirada da população de área de risco é um extremo orgulho, porque eu acredito que, neste país, uma das coisas mais importantes que nós mudamos – e aí eu tenho certeza que todos nós vamos lembrar do início disso com o presidente Lula –, uma das coisas mais importantes que nós mudamos é justamente a política habitacional.

O Brasil passou mais de 20 anos sem ter uma política real, uma política de habitação, de garantia da casa própria para sua população, e isso mostrava justamente a pouca importância que lideranças políticas e governos deram a uma questão que é essencial. Um país só pode ser, de fato, um país desenvolvido, um país que pretende ser uma das potências do mundo se a sua população tiver condições de vida decentes e dignas. A casa é, talvez, a coisa mais importante para qualquer família. É onde se cria os filhos, é onde se recebe os amigos.

Por isso... sem dúvida. E neste país nós temos hoje oportunidades de emprego como jamais tivemos antes. A senhora tem toda a razão: e o emprego também.

Mas a casa – e aqui eu estou aqui para lançar um projeto que eu acho muito importante para Camaçari – a casa, ela tem um símbolo fundamental, que é a garantia de segurança, a garantia de proteção, a garantia de acolhimento para as nossas crianças, para nossos filhos, que são o futuro deste país.

Sem a garantia de habitação nós não temos uma política de distribuição de renda, e vocês sabem, a coisa que mais orgulha o meu projeto, o projeto do prefeito Caetano, o projeto do governador Jaques Wagner, é o fato de que os brasileiros e as brasileiras estão melhorando de vida. Mas melhorar de vida não é só – e é importante que tenha isso –, não é só melhor salário, não é só melhor distribuição da renda que a gente recebe, mas é também melhor oportunidade. Tem de ter acesso à moradia, tem de ter acesso à educação e tem de ter isto aqui do Prefeito: acesso à cultura.

Daí por que eu dirijo uma saudação especial e a minha homenagem àquela orquestra, que tem de ser um orgulho de Camaçari, que mostra que Camaçari é uma cidade que se preocupa também com a cultura. Ao ter aqui esta qualidade, eu vejo – ninguém me falou, mas eu vi –, tem ali uma piscina. Esta piscina também permite o acesso da população a esportes.

Assim, eu quero dizer para vocês o seguinte. Quando a gente tem de prevenir, através da regularização da ocupação do solo, que as chuvas façam com que as pessoas tenham seus bens ameaçados, porque não houve drenagem suficiente; quando a gente tenta – como aqui em Camaçari o Prefeito está fazendo – resolver o problema de forma global, significa que vai

retirar a população da área de risco, mas é obrigado a dar uma moradia digna para esta população. Foram, são e serão milhares, milhões de pessoas no nosso país que vão ser beneficiadas com o Minha Casa, Minha Vida.

Eu quero assegurar a vocês uma outra questão. Vocês têm visto nos jornais, nas televisões, no rádio que o mundo está passando por uma crise. Hoje, no mundo, nós vemos países, até então desenvolvidos, serem países que lideram – que lideram – o campeonato de quem mais desemprega no mundo. O Brasil é diferente.

Nós estamos também aqui em Camaçari, porque aqui é um lugar onde a Bahia está crescendo. O município de Camaçari, que é um dos grandes municípios industriais do nosso país, um dos grandes municípios em que o serviço e o comércio crescem, gerando emprego para a nossa população, aqui também a construção civil está crescendo e empregando pessoas. Nós sabemos que isso é fundamental para o Brasil porque o nosso modelo é diferente dos outros modelos. Para nós, o Brasil vai crescer se as pessoas melhorarem de vida, porque hoje, para nós, quem é a grande força, a maior força que empurra o Brasil para a frente é o seu povo, porque são consumidores, trabalhadores, empresários. São aquelas pessoas que criam aquele ciclo muito bom, que uma coisa puxa a outra. Quem consome, ao mesmo tempo cria oportunidade e, com isso, a roda vai girando e o Brasil vai crescendo.

Mas, na verdade, quem está por trás disso tudo, quem merece a distribuição das riquezas deste país, porque é quem faz este país crescer e que pode e vai, e está transformando este país, são os brasileiros, as brasileiras e aqui, no caso, os baianos e as baianas.

Eu vim aqui hoje antes de ir a uma viagem internacional, também por outro motivo: porque, como presidenta dos brasileiros, eu devo a vocês, primeiro... Eu devo a vocês primeiro todo o meu esforço, toda a minha dedicação e todo o meu empenho. Para mim, é um prazer ter vindo aqui, e eu queria ainda hoje ter oportunidade de visitar o Museu da Ciência e Tecnologia, porque eu acho que este país também vai precisar deste Museu de Ciência e Tecnologia, porque nós vamos fazer duas coisas ao mesmo tempo: nós vamos combater a pobreza e nós vamos melhorar a saúde e a qualidade da educação.

Mas, também, nós queremos cientistas saídos do nosso povo que é capaz, que é criativo. Queremos cientistas para que este país seja também o país do conhecimento. Por isso eu fico muito feliz de estar aqui na Cidade do Saber, lançando este projeto do Minha Casa, Minha Vida.

O Governador, o Prefeito, o ministro Negromonte, os demais ministros, a Caixa Econômica estão de parabéns por este esforço que nos trouxe até aqui.

Um beijo no coração de cada um.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-emissao-da-ordem-de-servico-de-inicio-das-obras-de-urbanizacao-integrada-da-bacia-do-rio-camacari-ba-camacari-ba-15min54s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-emissao-da-ordem-de-servico-de-inicio-das-obras-de-urbanizacao-integrada-da-bacia-do-rio-camacari-ba-camacari-ba-15min54s) (15min53s) da Presidenta Dilma

Salvar